

## I

Fechando a porta atrás de si, Mme Kampf entrou tão bruscamente na sala de estudo que o lustre de cristal tilintou com um puro e ligeiro som de guizo, devido aos pingentes agitados pela corrente de ar. No entanto, Antoinette não parou de ler, tão curvada sobre a escrivadinha que os cabelos tocavam na página. A mãe observou-a por instantes, sem dizer palavra; depois, postou-se na sua frente, de braços cruzados sobre o peito:

— Quando vês a tua mãe, podias fazer um esforço, não? — gritou-lhe. — Tens o traseiro colado à cadeira? Que educação tão elegante... Onde está miss Betty?

No quarto ao lado, o barulho de uma máquina de costura ritmava uma canção, um *What shall I do, what shall I do when you'll be gone away*... arrulhada numa voz desafinada e fresca.

— Miss — chamou Mme Kampf —, venha cá.

— Yes, Miss Kampf.

A inglesinha, de rosto corado, olhar doce e assustado, carapito cor de mel em redor da cabecinha redonda, deslizou pela porta entreaberta.

— Contratei-a — começou Mme Kampf com severidade — para acompanhar e ensinar a minha filha e não para lhe fazer vestidos... A Antoinette não sabe que se deve levantar quando a mamã entra?

— Oh! Ann-toinette, how can you? — disse a Miss numa espécie de gorjeio entristecido.

Nesse momento Antoinette estava de pé e baloiçava-se desajeitadamente sobre uma perna. Era uma rapariga esguia e lisa, de catorze anos, com o rosto pálido próprio da idade e tão descarnada que, aos olhos dos adultos, parecia uma mancha arredondada e clara, sem feições, de pálpebras descidas, olheirentas, calada... Catorze anos, os seios que despontam sob o vestido justo de estudante e que ferem e constroem o corpo débil, infantil... os pés grandes e aqueles longos palitos com mãos avermelhadas no final, dedos sujos de tinta que, quem sabe, virão a tornar-se nos mais belos braços do mundo... uma nuca frágil, cabelos curtos, sem cor definida, secos e leves...

— Vê se entendes, Antoinette, que as tuas maneiras são desesperantes, minha pobre filha... Senta-te. Vou entrar novamente e tu vais dar-me o prazer de te levatares de imediato, percebes?

Mme Kampf recuou alguns passos e voltou a abrir a porta. Antoinette pôs-se de pé com lentidão e com uma tão evidente falta de graça que a mãe, cerrando os lábios com um ar ameaçador, perguntou com vivacidade:

— Por acaso isto incomoda-a, menina?

— Não, mamã — respondeu Antoinette em voz baixa.

— Então porque pões esse ar?

Antoinette esboçou um sorriso indolente e penoso que lhe deformou dolorosamente as feições. Por vezes, odiava tanto os adultos que lhe apetecia matá-los, desfigurá-los, ou pelo menos gritar-lhes batendo o pé: «Basta, vocês aborrecem-me»; mas desde criança que tinha medo dos pais. Outrora, quando Antoinette era mais pequena, a mãe sentara-a ao colo muitas vezes, abraçara-a, fizera-lhe festas e beijara-a. Mas disso já Antoinette se esquecera. Em contrapartida, guardara no mais fundo de si mesma o som, o bradar irritado a passar-lhe por cima da cabeça de «esta criança está sempre em cima das minhas pernas...»,

«voltaste a sujar-me o vestido com os teus sapatos porcos! Vais ficar de castigo, para aprenderes, minha parva!» e um dia... pela primeira vez, nesse dia, ela desejara morrer... à esquina de uma rua, durante uma cena, esta frase colérica, gritada tão alto que os transeuntes se tinham virado: «Queres levar uma bofetada?» e a queimadura de um estalo... Em plena rua... Tinha ela onze anos e era alta para a idade... Os transeuntes, os adultos, esses, não significavam nada... Mas, nesse momento, alguns rapazes que saíam da escola tinham rido ao vê-la: «Pois é, minha cara...» Oh! aquela risota a seguiu-la enquanto caminhava de cabeça baixa pela sombria rua de Outono... as luzes a dançarem através das lágrimas. «Ainda não acabaste de choramingar?... Oh, que feitio!... Se te emendo é para teu bem, não? Ah! Ah! e agora não recomeces a enervar-me, aviso-te...» Gente nojenta... E agora, era de propósito para a atormentar, torturar, humilhar que, de manhã à noite, se encarniçavam: «Olha como pegas no garfo!» (diante do criado, meu Deus) e «põe-te direita, pareces corcunda.» Ela tinha catorze anos, era uma adolescente e, nos seus sonhos, uma mulher amada e bela... Os homens acariciavam-na, admiravam-na, tal como nos livros André Sperelli acaricia Hélène e Marie, e Julien de Suberceaux, afaga Maud de Rouvre... O amor... Estremeceu. Mme Kampf terminava:

— ... E se julgas que te pago uma inglesa para teres modos destes, estás muito enganada, minha menina...

E, mais baixo, enquanto lhe arranjava uma madeixa de cabelo caída sobre a testa:

— Esqueces-te sempre de que agora somos ricos, Antoinette...

Virou-se para a inglesa:

— Miss, esta semana tenho muitos recados para si... dou um baile no dia 15...

— Um baile — murmurou Antoinette abrindo muito os olhos.

— Sim — respondeu Mme Kampf sorrindo —, um baile...

Olhou para Antoinette com uma expressão orgulhosa e em seguida apontou disfarçadamente para a inglesa com um franzir de sobrancelhas.

— Não lhe disseste nada, espero!

— Não, mamã, não — respondeu Antoinette com vivacidade.

Ela conhecia esta constante preocupação da mãe. No princípio — já lá iam dois anos — quando haviam deixado a velha rue Favart após o genial golpe da Bolsa de Alfred Kampf — primeiro em relação à queda do franco e depois da libra, em 1926, que o tornara rico — Antoinette era chamada ao quarto dos pais todas as manhãs; a mãe, ainda deitada, limava as unhas; na casa de banho ao lado, o pai, um judeu pequeno e seco, de olhos inflamados, barbeava-se, lavava-se, vestia-se com aquela louca rapidez de gestos que lhe proporcionara a alcunha de «Feuer» posta, noutros tempos, pelos judeus alemães seus colegas na Bolsa. Durante anos, ele calcorreara os largos degraus da Bolsa... Antoinette sabia que, antes, estivera empregado no Banco de Paris e, ainda mais para trás no passado, fora paquete do banco, vestido de uniforme azul... Um pouco antes do nascimento de Antoinette casara com a amante, Mlle Rosine, a dactilógrafa do patrão. Tinham morado onze anos num pequeno apartamento escuro por detrás da Opéra-Comique. Antoinette lembrava-se de como fazia os trabalhos de casa à noite, sobre a mesa da sala de jantar, enquanto a criada lavava ruidosamente a loiça na cozinha e Mme Kampf lia romances, apoiada nos cotovelos, sob o candeeiro de suspensão com um globo de vidro fosco onde brilhava o jacto vivo do gás. Às vezes, Mme Kampf soltava um suspiro fundo e irritado, tão forte e tão brusco que fazia Antoinette saltar na cadeira. Kampf perguntava: «O que tens agora?» e Rosine respondia: «Faz-me mal ao coração pensar que há pessoas que vivem bem, que são felizes, enquanto eu, eu, passo os melhores anos da minha vida neste buraco indecente a passar-te as meias...»

Kampf encolhia os ombros sem dizer palavra. Então, e isso acontecia com frequência, Rosine virava-se contra Antoinette. «E tu, o que é que estás a escutar? Tens alguma coisa a ver com o que dizem os adultos?», gritava mal-humorada. Depois rematava: «Sim, minha filha, se estás à espera de que o teu pai faça fortuna como anda a prometer desde que casámos, bem podes esperar que muita água há-de correr... Hás-de crescer e ainda aí estares, como a tua pobre mãe, à espera...» E quando dizia aquela frase «à espera» perpassava-lhe no rosto duro, tenso e rabugento uma certa expressão patética, profunda que, apesar de tudo, comovia Antoinette e a levava, instintivamente, a passar os lábios pela face materna.

«Minha pobre filha», dizia Rosine acariciando-lhe a fronte. Mas, certa vez, ela exclamara: «Ah! deixa-me em paz, hem, tu aborreces-me; como consegues ser tão maçadora, também tu...», e Antoinette nunca mais lhe dera outros beijos a não ser os da manhã e da noite que pais e filhos costumam dar sem pensar, do mesmo modo que dois desconhecidos apertam a mão.

Depois, um belo dia ficaram ricos de repente e ela nunca conseguiu compreender muito bem como isso acontecera. Tinha vindo habitar um grande apartamento branco e a mãe mandara pintar os cabelos num loiro novinho em folha. Antoinette lançava um olhar receoso para aquela cabeleira resplandecente que não reconhecia.

— Antoinette — ordenava Mme Kampf —, repete comigo. Que respondes se te perguntarem onde morávamos no ano passado?

— És estúpida — dizia Kampf do quarto ao lado —, com quem achas tu que ela vai falar? Não conhece ninguém.

— Sei bem o que digo — respondeu Mme Kampf em voz mais alta. — E os criados?

— Se a vir dizer uma única palavra aos criados terá de ser haver comigo, ouviste Antoinette? Ela sabe que tem de se ca-